

Nas lentes de um fotodocumentário: o papel transformador do Fotojornalismo na Comunidade Quilombola de Pinhões¹

Maria Clara Rezende Landim²

Orientadora: Prof^a. Me. Adriana de Barros Ferreira Cunha³
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas

Resumo

Essa pesquisa, desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "*Nas lentes de um fotodocumentário: o papel transformador do Fotojornalismo na Comunidade Quilombola de Pinhões*", integra o Projeto de Extensão "Lições da Terra", da PUC Minas. Trata-se da produção de um livro fotográfico documental, intitulado "Raízes do Viver", sobre a identidade e memória da Comunidade Quilombola de Pinhões, localizada em Santa Luzia, MG. A metodologia envolveu pesquisas bibliográficas, referências visuais de fotodocumentaristas brasileiros, entrevistas, oficinas e imersão na Comunidade. O resultado foi uma obra visual que contribui para o fortalecimento da identidade quilombola e a valorização cultural do território. O projeto conclui que o fotojornalismo documental pode ser uma ferramenta potente para dar visibilidade e protagonismo a comunidades tradicionalmente invisibilizadas.

Palavra-chave: fotojornalismo; fotodocumentário; fotografia artística; quilombo; resgate cultural.

1. Introdução

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve como ponto de partida a motivação de utilizar o Fotojornalismo como instrumento de valorização cultural e social, focando na documentação visual da Comunidade Quilombola de Pinhões, localizada na região Metropolitana de Belo Horizonte. A partir de um projeto de extensão universitária, o trabalho buscou contribuir o reconhecimento, fortalecimento e preservação da identidade dessa comunidade através da produção fotográfica e oficinas de fotografia *mobile* voltadas para jovens locais.

A pesquisa buscou resgatar o senso de pertencimento e identidade da Comunidade Quilombola de Pinhões, que enfrenta o apagamento histórico motivado por interesses políticos e econômicos. Por meio da fotografia documental, foi possível captar memórias,

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Formada em Jornalismo pela PUC Minas e aspirante em fotografia, minha trajetória transita por diversas áreas da comunicação, desde a produção de conteúdo *hardnews* à condução de oficinas de fotografia. Atuo em um projeto de extensão focado em direitos humanos, memória e identidade quilombola, e já realizei exposições, oficinas e assessorias com um olhar crítico e comprometido com a pluralidade de vozes, atuando tanto junto a comunidades tradicionais quanto em espaços acadêmicos e institucionais.

³ Professora orientadora vinculada à Faculdade de Comunicação e Artes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

histórias e culturas que fortalecem a resistência e a visibilidade desse grupo, contribuindo para a valorização e reconhecimento cultural e territorial da comunidade.

O estudo inclui um panorama histórico dos quilombos no Brasil, destacando o Quilombo dos Palmares, e uma análise da evolução do Fotojornalismo mundial e brasileiro, diferenciando-o do Fotodocumentarismo. Referências de fotógrafos renomados, como Sebastião Salgado e Cláudia Andujar, serviram de inspiração para um olhar crítico e sensível, capaz de promover uma compreensão mais profunda das realidades quilombolas.

Por fim, o projeto resultou na produção de um livro fotográfico “Raízes do Viver” e no desenvolvimento de um diálogo ativo com a Comunidade, promovendo a preservação cultural por meio da fotografia. Com apoio da PUC Minas e o uso de equipamentos diversos, o trabalho destaca o papel do Fotojornalismo Documental como ferramenta essencial para dar visibilidade, preservar memórias e fortalecer a identidade de comunidades marginalizadas.

2. A identidade Quilombola

A identidade quilombola está intrinsecamente ligada à construção coletiva do território, onde a territorialização é um processo dinâmico que reforça a memória e os saberes das comunidades. Desde o período colonial brasileiro, os quilombos surgiram como espaços de resistência formados por pessoas escravizadas que fugiam do regime opressor, buscando liberdade e justiça. O Quilombo dos Palmares é o exemplo mais emblemático dessa luta, simbolizando a resistência contra a colonização e a manutenção de uma organização social própria, que desafiava o sistema escravista com uma forte capacidade de defesa e perseverança. (Santos, 2015, p. 63).

Mesmo após a abolição da escravidão em 1888, pela Lei Áurea, as comunidades quilombolas continuaram enfrentando desafios significativos, como o não reconhecimento oficial, a exclusão social e a disputa territorial. De acordo com Antonio Bispo dos Santos (2015), o movimento quilombola contemporâneo, fortalecido pela Confederação Nacional das Comunidades Quilombolas (CONAQ), luta pelo direito ao território, à preservação cultural e à valorização de sua identidade, resistindo ao apagamento histórico e às políticas excludentes que ainda persistem no Brasil.

Atualmente, a população quilombola está distribuída em quase todo o território nacional, com destaque para as regiões Nordeste, Sudeste e Norte, conforme o Censo

Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O reconhecimento legal dessas comunidades baseia-se em elementos culturais, políticos e territoriais, que sustentam suas reivindicações por direitos e autonomia. A manutenção da cultura, memória e identidade quilombola é fundamental para a construção de uma sociedade plural e inclusiva, respeitando a ancestralidade e a diversidade étnica brasileira.

No caso específico da Comunidade Quilombola de Pinhões, localizada em Santa Luzia (MG), a luta pelo reconhecimento cultural e territorial é intensa. Fundada por pessoas negras escravizadas no século XVIII, a comunidade preserva tradições, memórias e saberes ancestrais, mas enfrenta o desafio da falta de reconhecimento oficial pela prefeitura local. A disputa pelo Cemitério dos Escravos, local simbólico e histórico para a comunidade, evidencia o conflito entre preservação cultural e interesses da especulação imobiliária, ressaltando a importância da resistência para garantir a proteção do patrimônio quilombola e fortalecer a identidade do povo de Pinhões.

3. Fotojornalismo x Fotodocumentário

O fotojornalismo surge no século XIX como uma inovação na forma de registrar e transmitir notícias. Um marco inicial dessa trajetória é o trabalho de Carl Friedrich Stelzner, que em 1842 produziu um daguerreótipo das ruínas após um incêndio em Hamburgo, considerado uma das primeiras fotografias documentais. Esse registro inaugura a ideia da fotografia não apenas como arte, mas como um veículo para a informação, onde o valor da imagem está no conteúdo que ela traz, renunciando a função documental e testemunhal que o fotojornalismo passaria a exercer (Oliveira e Vicentini, 2010).

Com o avanço tecnológico, especialmente durante conflitos como a Guerra da Crimeia e a Guerra de Secessão, a fotografia começa a revelar as realidades da guerra, ainda que inicialmente filtrada por interesses políticos e limitações técnicas (Oliveira e Vicentini, 2010, p.25). Roger Fenton, pioneiro da cobertura fotográfica da Crimeia, apresentava imagens idealizadas e heroicas, enquanto Alexander Gardner trouxe uma representação mais crua e direta do conflito, aproximando a fotografia do que hoje reconhecemos como fotojornalismo. Essas experiências revelam a tensão entre o registro fiel dos acontecimentos e as limitações impostas pela técnica e pelo contexto político da época.

Segundo Oliveira e Vicentini (2010, p.33), o fotojornalismo brasileiro encontra seu espaço somente no início do século XX, com a modernização gráfica dos jornais e revistas. A revista “O Cruzeiro”, a partir dos anos 1940 com a chegada do fotógrafo francês Jean Manzon, impulsionou uma revolução visual e conceitual, elevando o padrão do fotojornalismo nacional. Nas décadas seguintes, revistas como “Realidade” e “Veja” consolidaram o papel da fotografia como protagonista no jornalismo brasileiro, destacando fotógrafos que contribuíram para ampliar o olhar crítico e social por meio das imagens.

É fundamental entender as diferenças e aproximações entre fotografia documental e fotojornalismo, que apesar de relacionados, possuem características distintas. (Tagé, Renó, Guimarães-Guedes, 2022, p.5). O fotojornalismo é marcado pela imediatividade e pela urgência em registrar acontecimentos no exato momento em que ocorrem, com foco em informar o público rapidamente, acompanhando as pautas e a linha editorial dos veículos de comunicação. Já a fotografia documental é um trabalho mais planejado, realizado ao longo do tempo, que busca explorar um tema com profundidade, permitindo ao fotógrafo um olhar mais reflexivo e autoral sobre o assunto. Enquanto o fotojornalismo é orientado pela notícia e pela divulgação rápida, a fotografia documental privilegia a construção de narrativas visuais mais elaboradas e atemporais, que muitas vezes se desdobram em livros, exposições ou projetos sociais. De acordo com Jorge Pedro Souza (1998 e 2002), ambos, no entanto, compartilham a capacidade de revelar realidades, provocar reflexões e influenciar a percepção pública, atuando como ferramentas poderosas na construção da memória e na transformação social.

No processo de construção deste trabalho, busquei inspiração em fotógrafos brasileiros que exploram com maestria a fotografia documental como meio de narrar identidades e memórias, articulando o fotojornalismo com uma abordagem profundamente humana e artística. O que une esses profissionais é a capacidade de ir além do registro imediato, capturando a existência e o pertencimento dos sujeitos retratados, construindo narrativas visuais que ultrapassam o tempo e o espaço. Esses fotógrafos me influenciaram a desenvolver um olhar minucioso, atento aos detalhes e às nuances sociais, sensível às histórias que clamam por visibilidade e respeito.

Sebastião Salgado, com seu olhar penetrante e a combinação única entre fotografia artística e documental, transforma temas sociais e ambientais em imagens que ressoam

com força e dignidade. Seu trabalho demonstra como o fotojornalismo documental pode ser uma poderosa ferramenta de conscientização social, capaz de dar voz aos invisíveis e de sensibilizar o público para questões muitas vezes ignoradas. Claudia Andujar, por sua vez, une ativismo e sensibilidade na documentação da cultura Yanomami, evidenciando a importância do comprometimento ético e da empatia no registro fotográfico. Já Evandro Teixeira e Noilton Pereira ilustram diferentes dimensões da fotografia documental no contexto nordestino, com destaque para a preservação da memória coletiva e a mobilização social por meio da arte fotográfica.

No cenário mineiro, o trabalho de Ísis Medeiros e Patrick Arley reafirma o papel transformador do fotojornalismo documental na luta por direitos humanos e na valorização da diversidade cultural. Ísis, com seu foco nas comunidades indígenas e quilombolas impactadas pela mineração, traduz a fotografia em um instrumento de denúncia e resistência, especialmente relevante para o enfrentamento das desigualdades socioambientais contemporâneas. Patrick, por sua vez, destaca a riqueza das manifestações afro-brasileiras, utilizando a etnofotografia para fortalecer a identidade e a memória coletiva. Essas referências reforçam a importância de um olhar comprometido, que respeita e celebra a existência das comunidades retratadas, alinhando-se aos princípios do fotojornalismo documental que este projeto busca desenvolver.

4. A Comunidade Quilombola de Pinhões

O diário de campo registra as visitas à Comunidade Quilombola de Pinhões, apresentando relatos informais sobre as oficinas, entrevistas e vivências. As experiências reforçam a importância do envolvimento direto e sensível com os moradores, valorizando a escuta, o afeto e a construção conjunta do projeto.

No dia 4 de maio de 2024, realizei a primeira visita à Comunidade Quilombola de Pinhões, acompanhada da professora Antônia Montenegro e seu esposo, Dimas. A recepção ocorreu na Escola Estadual Padre João de Santo Antônio, onde conhecemos lideranças importantes como a matriarca d. Geralda Gonzaga e a vice-matriarca Cida. A professora Antônia apresentou o projeto de extensão “Lições da Terra” e propôs uma parceria para desenvolver pesquisas e oficinas na Comunidade, incluindo a ideia de criar um museu para preservar a memória local. Apesar do receio inicial da comunidade em relação a visitantes externos, aceitei o convite para ministrar oficinas de fotografia

mobile, com o objetivo de fortalecer a identidade cultural e o senso de pertencimento dos jovens quilombolas.

A segunda visita, em 14 de setembro de 2024, envolveu um mapeamento detalhado da Comunidade com estudantes de diferentes cursos. Apesar de estar com febre, realizei uma entrevista importante com Cristiano Rodrigues, herdeiro das tradições artesanais locais. A atividade revelou a complexidade do reconhecimento quilombola entre os moradores, muitos só se identificando após explicações detalhadas. A experiência reforçou a necessidade de agendamento prévio para entrevistas e a importância de construir confiança para que a pesquisa fosse mais profunda e efetiva. A Comunidade se mostrou animada com o andamento do projeto, já planejando a exposição das fotos e a participação na defesa do meu TCC.

Na terceira visita, realizada em 21 de setembro de 2024, conduzi a primeira Oficina de Fotografia Mobile, contando com a colaboração de colegas da graduação. Mesmo diante do falecimento de um membro importante da Comunidade, a atividade foi realizada, inicialmente com poucas pessoas, e depois com crianças que participavam da catequese. A oficina proporcionou a experiência prática com câmeras e celulares, despertando o interesse dos participantes pela fotografia como meio de expressão e registro cultural. Também houve cuidado rigoroso com os aspectos éticos da pesquisa, incluindo a coleta de assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), essencial para garantir a transparência e o respeito aos direitos dos envolvidos. Essa etapa demonstrou como o trabalho acadêmico pode dialogar com as necessidades e sensibilidades de comunidades tradicionais, promovendo empoderamento e protagonismo local.

No dia 02 de novembro de 2024, Dia de Finados, tive a oportunidade de participar de uma missa no Cemitério dos Escravos da Comunidade Quilombola de Pinhões, evento que não estava inicialmente planejado, mas que se revelou fundamental para aprofundar meu entendimento sobre a religiosidade e o sincretismo presentes na comunidade. A missa reuniu elementos do catolicismo, espiritismo e religiões de matriz africana, além da atuação da pastoral afro, refletindo a riqueza cultural e espiritual que permeia o território. Estar presente nesse momento foi uma experiência marcante, que uniu fé, memória e ancestralidade em um ambiente carregado de história e reverência, e que também me proporcionou importantes registros fotográficos para minha pesquisa.

Já no dia 08 de novembro, realizei a última visita à Comunidade, conduzindo uma oficina de fotografia para cerca de 40 estudantes da Escola Estadual Padre João de Santo Antônio. Essa atividade foi especialmente significativa para mim, pois me permitiu compartilhar técnicas básicas e despertar o interesse dos jovens pelo olhar fotográfico, reforçando meu desejo de seguir na carreira docente e de pesquisadora. A oficina foi marcada pela interação e entusiasmo dos alunos, e a troca de saberes tornou-se um momento de conexão e transformação social, reafirmando a importância da fotografia como ferramenta para valorizar histórias e fortalecer identidades quilombolas.

A pós-produção do projeto envolveu a seleção criteriosa e edição de cerca de 700 fotografias, realizadas no Adobe Photoshop Lightroom, com base em critérios técnicos como angulação, foco, nitidez e corte, além da escolha pessoal. Com as imagens já editadas, iniciei a estruturação do fotolivro no Canva, onde dei forma visual à ideia que tinha para a obra, incluindo a divisão dos capítulos, inspirada pelo livro *Canudos 100 anos* de Evandro Teixeira e guiada por momentos de inspiração pessoal. A diagramação final foi feita no Adobe InDesign, conforme as especificações da gráfica, exigindo ajustes e redução do número de fotos para 80 imagens que melhor dialogassem com os textos e transmitissem a essência da Comunidade Quilombola de Pinhões. Nesse processo, contei com a colaboração fundamental da profa Dulce Albanex e do técnico Luís Siqueira, que auxiliaram na composição visual e na escolha das fotografias, sempre respeitando minha visão, mas também ampliando as possibilidades do projeto.

A escolha pelas fotografias em preto e branco transcende a estética e está ligada à busca por destacar a intensidade emocional e a profundidade das imagens. Ao eliminar a distração das cores, essa técnica direciona o olhar para elementos estruturais como luzes, sombras, texturas e formas, intensificando uma leitura mais artística e dramática. Além disso, o preto e branco permite uma releitura abstrata da composição, favorecendo a interpretação conceitual das fotografias, conforme aponta Flusser (2011) ao destacar o fascínio pelo universo simbólico das imagens sem cor. Um exemplo que ilustra essa abordagem é o filme *A Lista de Schindler*, no qual a ausência de cores ressalta um detalhe específico em vermelho, guiando o olhar e a emoção do espectador — processo que busquei refletir na construção visual do fotolivro.

5. Considerações Finais

A execução deste trabalho ocorreu em duas etapas fundamentais. A primeira fase foi dedicada à elaboração teórica do projeto, na qual busquei aprofundar meus conhecimentos sobre o Fotojornalismo Documental, explorando seus conceitos e referências visuais. Paralelamente, aprofundei-me na história e cultura quilombola, com especial atenção à memória de Palmares, elemento central para compreender as dificuldades e resistências na preservação cultural da Comunidade Quilombola de Pinhões. Esse embasamento foi essencial para construir um olhar sensível e fundamentado, que pudesse respeitar e valorizar as narrativas da comunidade.

A segunda etapa consistiu na inserção direta e convivência com a Comunidade Quilombola de Pinhões, que possibilitou a realização de entrevistas com personagens marcantes e referências locais. A partir dessas conversas, pude resgatar e registrar histórias que a própria comunidade desejava preservar e compartilhar, destacando a importância de deixar um legado de memória e cultura para as futuras gerações. Além disso, a realização de oficinas de Fotografia Mobile revelou o potencial transformador da fotografia como ferramenta de comunicação e expressão, especialmente entre os jovens, estimulando o despertar para uma prática criativa e conectada às suas próprias realidades. Por fim, este trabalho fortaleceu meu compromisso como jornalista e fotógrafa, reafirmando o papel da comunicação como agente de preservação cultural e transformação social. A experiência de estar presente em Pinhões, não apenas como pesquisadora, mas também como alguém disposta a se conectar afetivamente com a comunidade, tornou-se um aprendizado vital. O projeto “Raízes do Viver” materializa essa relação, integrando memória, fotografia e história em um diálogo vivo. O desejo de continuar esse caminho se traduz no impulso para realizar o mestrado e ampliar a etnofotografia em parceria com Pinhões e outras comunidades, perpetuando o ciclo de aprendizado, ensino e valorização da cultura quilombola.

REFERÊNCIAS

ARLEY, Patrick. Depoimento. Entrevistadora: Landim, Maria Clara. Belo Horizonte, dez. 2024.

BERGER, John. Para entender uma fotografia. Tradução de Paulo Geiger. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BRASIL ESCOLA. Guerra de Canudos: o que foi e o que defendia. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/canudos.htm>. Acesso em: 09 jun. 2024.

CALDEIRA, Bárbara; CAVALCANTI, Vanessa. História e Fotografia: do protótipo daguerreótipo ao papel de fonte visual no planejamento didático. Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade, n. 8, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/12928>. Acesso em: 02 jun. 2024.

CARTIER-BRESSON, Henri. O imaginário segundo a natureza. 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7330551/mod_folder/content/0/CARTIER-BRESSON%2C%20H.%20O%20imagina%CC%81rio%20segundo%20a%20natureza%2C%202004..pdf?forcedownload=1. Acesso em: 20 maio. 2024.

COSTA, Lorena. A história do fotojornalismo: Como a fotografia mudou a maneira como recebemos notícias. Medium, 2020. Disponível em: <https://medium.com/@lotamyres.19/a-hist%C3%B3ria-do-fotojornalismo-como-a-fotografia-mudou-a-maneira-como-recebemos-not%C3%ADcias-8c37373cedb>. Acesso em: 25 maio. 2024.

DIAS, Lúnia Costa. Ser quilombola, Ser de Pinhões: dinâmicas de autonomia, resistência e territorialização. 2014. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFMG, Natal, 2014.

EMANIA. Direitos autorais: aspectos legais da fotografia. Blog Emania. Disponível em: <https://blog.emania.com.br/direitos-autorais-aspectos-legais-da-fotografia/#:~:text=Na%20Lei%209610%2F98%20s%C3%A3o,efetivamente%20qualquer%20objeto%20de%20arte.&text=Em%20suma%2C%20qualquer%20imagem%20capturada,fot%C3%B3grafo%20ou%20criador%20da%20imagem>. Acesso em: 02 dez. 2024.

FERNANDES, Ana Maria. Primórdios do Fotojornalismo. Disponível em: <https://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17605/material/Prim%C3%B3rdios%20do%20Fotojornalismo.pdf>. Acesso em: 22 maio. 2024.

FERREIRA CUNHA, Adriana de Barros. A imagem como arma: o uso ideológico das imagens de guerra. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes), Escola de Belas Artes, UFMG, Belo Horizonte, 2008.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

GLOBO. Quem são os quilombolas: grupos remanescentes de quilombos que foram incluídos no censo pela 1ª vez. G1, 27 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2023/07/27/quem-sao-os-quilombolas-grupos-remanescentes-de-quilombos-que-foram-incluidos-no-censo-pela-1a-vez.ghtml>. Acesso em: 11 maio. 2024.

IBGE. Atlas do censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102016.pdf>. Acesso em: 13 maio. 2024.

LEITE, Ilka Boaventura. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2008.

MALCHER, Maria Albenize Farias. A Geografia da Territorialidade Quilombola na Microrregião de Tomé-açu: o caso da ARQUINEC. 2006.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 64-89, jan./abr. 2016.

OLIVEIRA, Erivam; VICENTINI, Ari. Fotojornalismo: uma viagem entre o analógico e o digital. XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010.

PINHÕES. Histórias e sabedorias do quilombo. Organização de Lúnia Costa Dias, Isadora de Souza e Associação Quilombola de Pinhões. Belo Horizonte, 2018.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significados. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8073545/mod_resource/content/0/Antonio-Bispo-dos-Santos-Colonizac%CC%A7a%CC%83o-Quilombos-Modos-e-Significados.pdf. Acesso em: 20 maio. 2024.

SANTOS, Glaucon. Depoimento. Entrevistadora: Landim, Maria Clara. Belo Horizonte, abr. 2024.

SILVA, Telma Cristina Damasceno. Os primórdios da foto reportagem: A cobertura fotográfica da guerra de Canudos na Bahia. TCC, Centro Universitário Estácio, Bahia, 2024.

SOUZA, João Pedro. Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental. Editora Fotografia Visual, 1998.

TAGÉ, Matheus; RENÓ, Denis Porto; GUIMARÃES-GUEDES, Denise. A construção do real: paralelos entre a fotografia humanista francesa e o fotojornalismo. Leopoldianum, ano 48, n. 135, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Quilombo de Pinhões, em Santa Luzia, tem história reunida em publicação. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/quilombo-de-pinhoes-em-santa-luzia-tem-historia-reunida-em-publicacao>. Acesso em: 15 maio. 2024.